

discurso inauguração retrato PINAUD (13.12.00)

Senhoras, Senhores:

Aqui estamos reunidos para um ato solene de nosso Instituto. Mais uma vez devo cumprir o ofício que me incumbe como orador do IAB.

Com que prazer, contudo, e alegria eu agora o faço!

Há dias perguntei-me a quais imagens poderia recorrer para aludir às figuras de PINAUD, a quem hoje saúdo, e de CALHEIROS BONFIM, a quem deverei me dirigir proximamente.

Prontamente veio a minha lembrança um poema de ERNÂNI VANACOR, poeta de minha cidade, lá no Rio Grande do Sul. Em versos bem ritmados dizia ERNÂNI VANACOR existirem, à época do poema, dois poetas cantando Santa Maria. Um deles, PRADO VEPPPO, um jorro de petróleo; outro, CHICO RIBEIRO, uma fonte água pura.

Assim os vejo: CALHEIROS BONFIM, uma fonte de água pura; PINAUD, um jorro de petróleo.

Nesta noite é de PINAUD que vos devo falar, jorro de petróleo que vem das profundezas da terra, trazendo sementes de vida.

Um forte em constituição – e na Constituição. Vigoroso, incisivo, uma voz segura – e em registro de autêntico baixo barítono – comandada pela mansidão dos justos.

Um forte nos gestos, na indicação da direção a seguir, com a serenidade porém dos que cultivam a prudência aristotélica, o saber prático que permite distinguir onde o bem. E vigoroso na empreitada de alcançá-lo.

Um senador romano, no sentido mítico que assume aquele dotado de *auctoritas*, aquele que impõe não pela força, mas porque dotado de legitimidade para tanto.

Um dia, aqui mesmo no Instituto, inadvertidamente ouvi pedaços de uma conversa telefônica de PINAUD com o neto. Aquilo – ele por certo não se deu conta disso – encheu-me de ternura. O saber prático e a *auctoritas* desse homem bom e vigoroso, com sua voz de baixo barítono ampliada ao telefone, desdobrava o incisivo pito aplicado

ao neto, com proibição de levar o violão ao colégio, em transbordamento de afeto e amor.

Pobres daqueles que não amam, fazendo da vida uma aventura de disputas e competição que transforma o próximo em distante – uma aventura errante, para completar o ritmo de VINÍCIUS. Pobres daqueles que não se comovem com a tragédia do social, ao nosso lado instalada, no dia a dia, em cada esquina, hoje tão comum que nem se dão conta da sua gravidade, perdendo a capacidade de indignar-se.

Um homem vigoroso e bom, que, se pudesse, realizaria em ato a promessa de NERUDA: “dai-me toda a dor do mundo / vou transformá-la em esperança”.

PINAUD se nutre de esperança e caminha pelo mundo visualizando no “outro” a expressão fraterna de si mesmo. Pobres daqueles que, como os personagens da peça teatral de SARTRE, no “outro” não são capazes de visualizar senão os seus infernos. A ternura que este homem vigoroso e bom distribui por onde passa está

justamente no contrário disso, em sua crença na capacidade, do homem, de construir o paraíso.

Movido por essa certeza é que PINAUD desenvolveu intensa atividade acadêmica, desde cedo assumindo a postura, bem definida, de defensor das liberdades e dos direitos dos trabalhadores. Por isso mesmo mereceu a honra de ter sido aposentado como Juiz de Direito.

Professor Titular, por concurso de provas e títulos, de Teoria do Direito e de Direito Constitucional da Universidade Federal Fluminense, autor de vários livros, hoje empresta seu talento, seu caráter, sua competência e sua dignidade ao cargo de Secretário de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

Em sua firme atuação como Presidente do IAB PINAUD se manteve à altura do prestígio do Instituto, elevando-o porém, ainda mais.

Não farei o inventário de sua atuação, por certo. Mas não posso deixar de mencionar o Manifesto, em cuja redação e divulgação o Presidente empenhou-se com entusiasmo varonil.

Por tudo isso nós que fazemos parte da atual Diretoria – e posso dizê-lo de modo bem vincado, seja porque fui um dos seus vice-presidentes, seja porque isso me foi recomendado por MARCELLO – nós que fazemos parte da atual Diretoria do IAB, dizia, temos nossa gestão como continuidade da gestão de JOÃO LUIZ DUBOC PINAUD.

Aqui estamos reunidos, nesta noite, para ato solene de nosso Instituto, a inauguração do retrato de seu ex-Presidente.

Estamos reunidos em torno de um humanismo.

Porque o direito, permito-me repeti-lo, lembrando JEAN PAUL SARTRE, o direito é um humanismo.

O momento é de celebração. Não obstante devemos permanecer atentos ao quanto se promove em atentados contra a Constituição, de modo vário, à sorrelfa e às escâncaras. E quantas vezes não nos transformamos em inocentes úteis, inebriados pelo discurso das elites hegemônicas, hipócrita, mas eficaz.

Entre tantos atentados, lembro certa doutrina que se começa a postular, reclamando uma interpretação *"jurídico-política"* da Constituição. O discurso fascina o apedeuta em direito, porque se dirige

contra “odiosos privilégios” e “pretensos direitos adquiridos”. Mas o alvo final é declarado de modo expresso: as *normas pétreas* da Constituição não poderiam ser interpretadas senão segundo critérios hermenêuticos de natureza *jurídico-política*, em especial no que se refere à “declarada salvaguarda dos ‘direitos e garantias individuais’”. A violência, dissimulada sob o pretexto de uma *compreensão concreta do Direito*, é ignóbil.

Além disso, agora por outro flanco se arma diverso assalto à ordem constitucional, na convocação, agora, de uma Assembléia Nacional Constituinte. Com ou sem plebiscito, isso não importa, essa convocação consubstanciaria, neste momento, um autêntico golpe de Estado, bem ao sabor de quantos não suportam conviver sob o Estado Democrático de Direito e abominam os projetos de construção, entre nós, de uma sociedade livre, justa e solidária e de garantia do desenvolvimento nacional. O golpe, estejam certos disso, permitirá que os de sempre recuperem os anéis que cederam em 1.988 para conservar os dedos. Dedos muito, muito ágeis, como sabemos.

Aqui estamos reunidos, nesta noite, em torno de um humanismo. É isso que nos faz dignos de nós mesmos.

Não amamos o fácil, a concepção de que se possa tomar o direito como um corpo inerte, dissecável. O direito, para nós que caminhamos com PINAUD, está imergido na realidade social, compõe essa realidade. Daí sabermos que cada sujeito de direito oculta um ser humano --- uma multidão dos quais pode aportar aos mercados uma tão-só mercadoria, o seu trabalho --- e sabermos também que a liberdade não pode ser apenas uma palavra ingênua. É para nós, o direito, um corpo em cujas veias há sangue em vigorosa circulação. Um corpo vivo, pleno de vida.

Por isso ao dizermos do direito dizemos da vida. E nesta noite, dele também tratando, ao falar de PINAUD – cujas mãos fortes foram feitas para esculpir amanhã – eu canto, forte, [ainda que sem o registro de sua voz] um hino de louvor à vida.